

PARA UMA TEORIA SINTÁTICA

Sílvia Elia
UFF

1. O mais antigo compêndio gramatical do Ocidente, a famosa *tékhne grammatiké* de Dionísio da Trácia (fins do séc. II a.C.), não se ocupou de Sintaxe. Essa lacuna foi preenchida em parte por Apolônio Díscolo (séc. II d.C.), diz-nos Robins (1951: 42). Jean-Claude Chevalier (1968: 28) refere-se a Prisciano como um dos pais da Sintaxe, "de uma Sintaxe ligada desde seus primórdios à análise dos filósofos".

Como se sabe, Prisciano (séc. VI d.C.) escreveu em 18 livros umas *Institutiones Grammaticae*, das quais os dois últimos se ocupavam de Sintaxe (*Constructio*).

Na verdade, porém, nem os gregos nem os romanos praticaram a Sintaxe, pelo menos como é hoje compreendida. Varrão (séc. I a.C.), no seu *De lingua latina*, em 25 livros, de que temos apenas os de V a X, ainda assim incompletos, dela não tratou. Robins (op. cit.: 57) alega que se perderam do célebre polígrafo todos os livros dedicados à Sintaxe. Mas parece mais realista a opinião de Collart, que fala claramente de lacuna do próprio autor. E assim se pronuncia:

Em resumo, se Varrão aflora por vezes um problema de Sintaxe, fá-lo por acaso, e seu raciocínio não vai longe. Ele permanece de todo indiferente à estrutura gramatical da frase. Devemos dizer que a causa decorre das lacunas da tradição? Certamente que não. Algumas reflexões feitas a propósito da composição do *De Lingua Latina* permitiram-nos supor que a Sintaxe não foi estudada nos últimos livros do tratado. (1954: 333)

O próprio termo *sintaxe* aparece, p. ex., em Dionísio da Trácia, mas aí designa simplesmente o sintagma **preposição + nome**. A frase, *oratio*, interessava sem dúvida, mas numa perspectiva antes lógica ou filosófica.

Prisciano, juntamente com Donato (séc. IV d.C.), dominou o ensino gramatical na primeira Idade Média.¹ Mas a obra mais considerável de Prisciano tornou-o doutrinariamente superior a Donato. Em seu estudo fundamental sobre o ensino de Donato, Luís Holtz dá ao gramático bizantino posição pioneira no que tange à constituição da Sintaxe:

Sua contribuição principal é compreensivelmente a dos livros XVII e XVIII das *Institutiones Grammaticae*, que fazem dele o verdadeiro criador da sintaxe latina, ainda quando essa sintaxe se mostre apesar de tudo muito parcial e ainda mal destacada dos conceitos filosóficos. (1981: 239)

A Sintaxe vai ser erigida sobre novos fundamentos com os gramáticos modistas dos sécs. XIII e XIV. Não tem razão, pois, J.-Cl. Chevalier quando afirma:

Não há solução de continuidade entre Prisciano, Alexandre e os "modistas"; os gramáticos lógicos dos séculos XIII e XIV não fizeram senão acentuar o esforço de sistematização, tão frequentemente desajeitado e encerrado no enunciado do formalismo. Tanto Prisciano é a base de suas análises, que o citam constantemente. (op. cit.: 51)

E a razão está em que Prisciano não foi um gramático lógico, à maneira dos modistas; a sua fundamentação gramatical é literária. Ficamos, pois, com a posição de Bursill-Hall:

O procedimento geral seguido por Tomás² acompanha muito de perto os lineamentos postos por Prisciano; todavia sua teoria sintática difere radicalmente da dos predecessores dos Modistas e deve portanto ser pensada como um considerável refinamento do trabalho dos Modistas anteriores. (1972: 98)

Na verdade, uma vez que não houve a rigor sistematização teórica da Sintaxe nem entre os gregos nem entre os latinos, quer-nos parecer que, sem forçar os fatos, podemos considerar os gramáticos modistas medievais como os fundadores da Sintaxe. Se tomarmos por ponto de referência a gramática de Tomás de Erfurt (J.-Cl. Chevalier preferiu a de Siger de Courtrai), veremos que aí a Sintaxe aparece com o nome de **Diasynthetica**. Tomás de Erfurt divide a *Diasynthetica* em três partes: **constructio**, **congruitas et perfectio**; a **congruitas** pressupõe a **constructio** e a **perfectio**, as outras duas.

2. O século XVI, renascentista e antimedievalista, retornou aos parâmetros clássicos, e foi ainda com apoio nos ensinamentos aristotélicos que Escalígero e Sanchez investigaram as "causas" da língua latina.

O século XVII viu nascer nova elaboração filosófica, **impulsionada pelo "espírito científico"**, marcante do pensamento ocidental: Locke, na Inglaterra; Leibniz, na Alemanha; Descartes, na França. A essa filosofia pode-se dar o nome genérico de empírio-racionalismo, dado que essas duas posições na realidade são complementares. A propósito do empirista e sensualista Locke, eis, p. ex., como se manifesta Hans Aarsleff:

A elaboração escrita deste ensaio também fez-me ver claramente que a distinção em compartimentos estanques, pedagogicamente conveniente e ideologicamente rígida (loaded) entre racionalismo e empirismo é infundada, como Leibniz analisando Locke também percebeu – e Leibniz de fato objetou mais fortemente contra Descartes do que contra Locke. Se há algo de válido nisso, Locke é um empírico racionalista, para citar o termo que Durkheim usou acertadamente para indicar a importância de Taine para sua geração. (1982: 9)

Foi essa posição racionalista que levou à maturação da *Grammaire Générale et Raisonnée*, de Port-Royal (1660), notavelmente reposta na ordem do dia pela prestigiosa ascensão da gramática gerativo-transformacional de Noam Chomsky. No entanto, na *Grammaire*, a Sintaxe ocupa modesto e discreto capítulo (XXIV e último). Foi o "logicismo" de Messieurs de Port-Royal que gerou a proliferação das gramáticas filosóficas, do séc. XVIII, das quais a do nosso Soares Barbosa é eco tardio.

O espírito científico criou, no séc. XIX, o método histórico-comparativo, germinado no Romantismo, mas frutificado no Positivismo. A Sintaxe, teoria da frase, logo de cunho necessariamente sincrônico (articulação de elementos coexistentes), não encontrou espaço científico no comparativismo, pois é notório que as sintaxes históricas não lograram sistematizar os módulos frasais. O prof. Francisco da Silva Borba, no esboço histórico que redigiu para sua *Teoria Sintática*, chamando a atenção para o fato de que o comparatismo restringiu-se ao materialmente observável e por isso deixou de ocupar-se com as relações, que são imateriais, faz esta observação pertinente:

É por isso que a grande produção do comparatismo faz pouca alusão à sintaxe ou coloca-a como um resíduo dos estudos filosóficos. (1979: 10)

Em sua *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*, o Dr. Manuel de Paiva Boléo lembra que, já em 1899, Reckendorf lamentava-se por ver a Sintaxe tratada como uma espécie de "enteada dos lingüistas" (1946: 93). Pois bem, essa mesma expressão caiu do bico da pena de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em carta a Júlio Moreira, inserta em *Apêndice* à 2ª ed. (1922) do 2º vol. dos *Estudos de língua portuguesa* deste último: "Ainda bem que a sintaxe não continua a ser a enteada dos filólogos".

No entanto a maternidade prop. dita viria com os lingüistas estruturalistas. Para a apreensão das unidades sintáticas, usou Bloomfield, in *Language* (1933) o processo de inspiração mecanicista dos "constituintes imediatos". Em artigo intitulado "Immediate Constituents", publicado em *Language* 23. 81-117, 1947 e republicado em *Readings in Linguistics I*, 186-207, procura Rulon S. Wells "substituir por uma teoria sistemática unificada os métodos heterogêneos e incompletos até então oferecidos para determinar os constituintes imediatos". Nessa mesma coletânea, transcreve-se conhecido artigo de Charles F. Hockett: "Two models of grammatical description", inicialmente publicado em *Word* 10. 210-31, 1954. Os dois modelos são os de **item e processo (IP)** e **item e arranjo (IA)**; um terceiro modelo, o tradicional, **palavra e paradigma (WP)**, que Wells diz não menosprezar, não foi apreciado por carência de tempo.

Essa recuperação da Sintaxe atingiu o seu clímax com o advento da gramática gerativo-transformacional de Noam Chomsky, cujo livro-marco, como se sabe, são as *Syntactic Structures*, de 1957. Mas não se há de esquecer Lucien Tesnière, com *Eléments de syntaxe structurale*, cuja 1ª ed. é de 1959, livro cujas potencialidades teóricas ainda não foram devidamente aproveitadas.

O momento é, pois, oportuno para umas reflexões sobre a questão sintática.

3. Partiremos da **proposição**, aqui entendida como a expressão verbalizada da mensagem.³ Croce (1926: 181) estende o sentido de "proposição" tanto a uma simples exclamação como a um longo poema. Limitaremos aqui proposição à dimensão da frase, tomada esta palavra no sentido francês, que é o nosso, e não no inglês e norte-americano.

Distinguiremos três tipos de frase: **interjeição, rese, oração**.

As interjeições são palavras ou locuções exclamativas portadoras de uma mensagem emotiva. Podem ser **interjeições puras**, isto é, expressas por vocábulos que só existem na língua como interjeições (Ai! Irra! Ui! Ufa! Oba! Olá! ...), ou **palavras interjectivas**, isto é, vocábulos ou expressões usadas com valor interjectivo (Obrigado! Viva! Diabo! Até logo! Dane-se! ...).

Rese, termo de Buysens (1943: 83) é um fragmento de oração cujo sentido se completa com a presença de um contexto de situação. Ex.: **Fogo!** A exclamação comporta um sentido quando feita perante um prédio em chamas e outro em face de um pelotão de fuzilamento.

Oração é a frase sintaticamente articulada.

As orações são as expressões mais perfeitas do que pensamos ou sentimos. Enquanto formas gerais do pensamento, a questão atraiu primeiramente a atenção dos filósofos. Assim é que coube a Protágoras (séc. V a.C.) distinguir os seguintes tipos de frases: **enunciativa, optativa, imperativa e interrogativa** (Robins, 1979: 26). Essa classificação encontrava correspondência nos modos verbais da língua grega: indicativo, optativo, imperativo.

Foi a esse significado filosófico, por assim dizer, que Coseriu denominou significado **ôntico** e destarte o explicitou:

... o valor existencial que se atribui ao estado de coisas designado em uma oração (o significado ôntico só se dá no plano da oração); por exemplo: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.). (1978: 137)

Propomos a seguinte classificação de orações quanto ao sentido ôntico: **declarativas, jussivas (imperativas e optativas) e interrogativas**.

As orações declarativas podem ser **afirmativas** (A criança dorme) ou **negativas** (A criança não dorme) e também **exclamativas** (O prisioneiro fugiu!).

As orações jussivas são sempre exclamativas (Rendam-se! Deus o favoreça!) e podem ser afirmativas, como nos exemplos dados, ou negativas (Não atire! Que a terra não te seja leve!).

As orações interrogativas (referimo-nos às chamadas "diretas") se caracterizam por um tipo especial de entoação, que na escrita é marcado por um sinal adequado. Podem ser simultaneamente interrogativas e exclamativas: "Toda a família morta?!".

Aqui iremos ocupar-nos somente com a oração declarativa independente, não exclamativa, nem interrogativa.⁴

4. Tomando como base uma oração independente declarativa, distinguiremos, em sua análise, três níveis: o **lógico**, o **lógico-sintático** e o **sintático**. São três níveis sintáticos *lato sensu*; sintáticos, porque dizem respeito à relação que contraem as unidades lingüísticas na frase, com o objetivo de torná-la uma construção semântica; mas, quanto ao valor da dependência para com a natureza da língua é que se apresentam os três níveis supracitados, em patamares descendentes.

As funções sintáticas que se estabelecem ao nível lógico são supralingüísticas, no sentido de que decorrem não de estruturas lingüísticas, mas da própria estrutura mental do ser humano: não podemos afirmar alguma coisa a não ser a respeito de outra. Decompomos sempre a realidade no seu aspecto **dinâmico** (processo) e **estático** (suporte). Aristóteles já distinguia entre **rhéma** (predicado) e **hypokeímenos**, (suporte, sujeito). Os escolásticos preferiram falar em **appositum** e **suppositum**. Segundo Donzé (1971: 219, n. 76), Boécio, no séc. V, distinguia entre **praedicatum** e **subjectum**. Na *Grammaire* de Port-Royal fala-se correntemente de **atributo** (outra expressão muito usada em vez de predicado) e **sujeito**.

Note-se que a moderna gramática transformacional partiu sempre da oração bimembre. Na *Sintaxe* francesa de Dubois e Dubois-Charlier, diz-se que isto é um **postulado**:

Um segundo postulado define a constituição do núcleo.⁵ Este é formado de duas partes que se chamam os **constituintes do núcleo**, o **sintagma nominal**, cuja abreviatura é SN e o **sintagma verbal**, cuja abreviatura é SV. Dir-se-á que P é formado de SN + SV. (1970: 18)

No fundo, trata-se da oposição gramatical básica entre o **nome** e o **verbo**; à qual se podem acrescentar os elementos que as relacionam interna ou externamente. Não se achava, pois, longe da verdade Henri Delacroix ao escrever:

O que vem a dizer em suma que a linguagem exprime a substância, a ação e a relação. (1930: 226)

Sujeito e predicado são, portanto, dois termos universais que, de uma forma ou de outra, devem existir em todas as línguas. São, por isso, os termos **essenciais** da oração. Logicamente não podem faltar (na estrutura de superfície ou na profunda). Não há, pois, primazia de um sobre o outro. São termos **interdependentes**.

Todavia há lingüistas e gramáticos que, na construção da frase, ora partem de um termo ora de outro.

Entre nós, o Prof. Mattoso Câmara Jr., p. ex., faz o predicado depender do sujeito. Em seu *Dicionário de Filologia e Gramática*, assim define o sujeito:

Termo da oração que, como determinado desse sintagma, se articula com o predicado como determinante. É assim o tema da comunicação que se

faz no predicado, ou seja, o ponto de partida da enunciação linguística constituída pela oração. (1974: 365, s/v **Sujeito**)

O sujeito como determinado (e o determinante obviamente pressupõe o determinado) pode ser justificado sintaticamente por ser o verbo que concorda com o sujeito. Contudo haverá réplica sintática, uma vez que é a oração subjetiva que recebe a classificação de "subordinada".

Para ilustrar a posição dos mestres que dão preeminência ao predicado, podemos recorrer a Lucien Tesnière, que em seus *Éléments de Syntaxe Structurale* ensina:

Já vimos que o verbo está no centro do nó verbal e, por conseguinte, da frase verbal. Ele é, pois, o **regente** de toda a frase verbal. (1966: 103, §9)

As integrações do verbo são, para Tesnière, os **actantes** e os **circunstantes**. Actantes e os circunstantes são os subordinados imediatos do verbo (§13).

Para corroborar sua tese, alega Tesnière que

... todos os argumentos que podem ser invocados contra a concepção de nó verbal e em favor da oposição entre o sujeito e o predicado decorrem da **Lógica Formal a priori**, que nada tem a ver em Linguística. (*ibidem*: 104, §5)

A afirmação é, sem dúvida, excessiva. Mormente se substituirmos **Linguística** simplesmente por **linguagem**. No que diz respeito, p. ex., com a **oração**, não podemos esquecer que esta é uma projeção da **proposição** (lógica) no campo da manifestação verbal. Não há como evitar na estrutura básica da oração a oposição sujeito/predicado, de origem lógica, sem dúvida. Destarte o que nos resta fazer é aceitá-la como tal e daí partir para o estudo das demais relações sintáticas.

5. Temos, pois, que os constituintes necessários e suficientes para que se defina uma oração manifestam-se como sujeito e predicado; os demais termos são **expansões** desses dois. Então descemos agora para o nível lógico-sintático, cujos termos dependem parcialmente das estruturas sintáticas próprias de cada língua.

Por **expansão**, entenderemos, segundo Martinet, "todo elemento acrescido a um enunciado que não modifica as relações mútuas nem a função dos elementos preexistentes" (1967: 128).

A idéia já ocorrera a Rulon S. Wells, em artigo republicado em *Readings in Linguistics I*. Comparando duas orações: **The king of England opened Parliament** e **John worked**, diz R. S. Wells que a primeira é expansão da segunda:

Assim, em nosso exemplo, é válido ver **The king of England opened Parliament** como uma expansão de **John worked**, porque **the king of**

England é uma expansão de **John** e **opened Parliament** é uma expansão de **worked**. (1966: 187)

Martinet distingue entre **expansão por coordenação** e **expansão por subordinação** e exemplifica, respectivamente, com os seguintes exemplos: "Il vend et achète des meubles" e "Les chiens mangent la soupe" (**la soupe** é expansão por subordinação do núcleo predicativo **mangent**). Aceitamos apenas a "expansão por subordinação"; a expansão por coordenação sugerida não passa de um acréscimo a um todo sintático de outro todo sintático, ao passo que o termo expandido é um todo sintático que se amplia por meio de termos especificadores.

Com a distinção entre "expansão por coordenação" e "expansão por subordinação" não se deve confundir a diferenciação de Bloomfield entre **construção endocêntrica** e **c. exocêntrica**, que aceitamos.

Na c. endocêntrica a expansão pertence à mesma natureza gramatical do termo expandido. Assim, se, na oração **A casa ruiu**, expandirmos o termo **casa** e tivermos o termo expandido **A velha casa**, a natureza gramatical de expansão e termo expandido é a mesma: substantivo. Diremos então que, em ambos os casos, estamos ante um **sintagma nominal**.

Na c. exocêntrica, a expansão é de natureza gramatical diversa da natureza gramatical de seus elementos componentes. Assim o sintagma "com a faca" é de natureza adverbial, ao passo que os elementos que o compõem ou são de natureza preposicional (com) ou de natureza nominal (faca). Para nós, tanto a c. endocêntrica, quanto a exocêntrica são de caráter subordinativo.

As funções sintáticas que se exercem ao nível lógico-sintático são as de **modificadores** e **complementos**. As funções se realizam na oração através de **sintagmas**.

Convém recordar que os gramáticos modistas (v.g. Tomás de Erfurt) distinguiam dois tipos básicos de relações intervocabulares: **dependentia** e **determinatio**. Assim em **Socrates albus** há **determinatio**, mas em **lego librum** há **dependentia**.⁶

Os modificadores são tradicionalmente conhecidos em Sintaxe como adjuntos. Podem modificar um verbo (adjuntos adverbiais) ou um nome (adjuntos adnominais). Os complementos são sempre internamente complementos verbais; a transitividade é traço sintático específico do verbo. Os chamados complementos nominais não passam de transformações dos compl. verbais (nominalização). São os complementos verbais classificados tradicionalmente como **objeto direto**, **objeto indireto** e **compl. de causa eficiente** (agente da passiva).

Os sintagmas, que manifestam as funções sintáticas, são de dois tipos, conforme a natureza do seu núcleo: **sintagmas verbais** e **sintagmas nominais**. Estes se subdividem em sint. nominais **substantivos**, **adjetivos** e **adverbiais**, constituídos vocabularmente por um substantivo (**A rosa** desabrochou), por um adjetivo (**A rosa vermelha** desabrochou) ou um advérbio (**A rosa vermelha desabrochou ontem**).

Os sintagmas adjetivos e adverbiais podem ser transformações de sintagmas substantivos, o que demonstra o seu caráter originariamente nominal. O instrumento

para essa transformação é a preposição. Ex. mancha **de** óleo (= oleosa), sintagma nominal adjetivo; agiu **de propósito** (= propositadamente), sintagma nominal adverbial.

Note-se que nem sempre a preposição modifica a natureza substantiva do núcleo; isto acontece quando o sintagma funciona como complemento e não como adjunto. Ex.: "Não recorro a **empréstimos**". Nesse caso, o sintagma que funciona como objeto indireto continua de natureza substantiva; isto é, a preposição **a** não alterou a natureza substantiva do núcleo **empréstimo**. Convém, portanto, distinguir sintaticamente dois tipos de preposições: **relatores** e **translatores**. Os relatores não alteram a natureza gramatical do sintagma, ao contrário dos translatores.⁷ Cumpre ainda acrescentar que as chamadas "questões de regência verbal" dizem respeito somente às preposições enquanto "relatores". A preposição enquanto relator pertence para o verbo: **assistir a**, **depende de**, **concorrer com** etc., ao passo que a preposição enquanto translator pertence para o complemento: **ir de carro**, **ir com o colega**, **ir por S. Paulo**, **ir para a praia**, **ir a Petrópolis**. Observe-se ainda que as construções em que não há transformações são **endocêntricas**; aquelas em que as há são **exocêntricas**.

6. Devemos agora passar ao terceiro e último nível, o estritamente sintático. Preliminarmente, porém, algumas considerações de ordem teórica. E tomaremos como base as seguintes reflexões do conhecido linguista russo S. K. Šaumjan, extraídas do artigo "La cybernétique et la langue", vindo a lume em *Problèmes du langage*:

Existe igualmente uma outra dificuldade na gramática de transformação. As regras de transformação dessa gramática se constroem de tal maneira que os dois principais graus de abstração na língua se confundem: o das relações sintáticas interiores e o dos recursos lingüísticos que servem para exprimir essas relações. Utilizando a terminologia de Ferdinand de Saussure, pode-se afirmar que dois planos totalmente diferentes se mesclam na gramática de transformação: o da **langue** e o da **parole**. Tomemos um exemplo concreto. Numa proposição, a relação entre o sujeito e o objeto pertence para as relações sintáticas interiores. Em certas línguas como o francês ou o inglês, o procedimento lingüístico que exprime essa relação é a ordem das palavras; em outras línguas como o russo é a flexão dos diferentes casos. A ordem das palavras como a flexão dos casos não pertencem propriamente às relações sintáticas interiores da língua, servem somente de meios lingüísticos para exprimir essas relações. (1966: 145-6)

Foi essa constatação que levou Šaumjan a propor um novo modelo de gramática transformacional, por ele denominado "modelo gerativo de aplicação".

Šaumjan foi buscar à Biologia os termos de **genótipo** e **fenótipo**, "onde o aspecto exterior do indivíduo em relação a certos sinais é um fenótipo e onde o genótipo é a constituição genética do organismo (*ibidem*: 146). Então explicita:

Os genótipos lingüísticos são objetos sintáticos independentes dos meios lingüísticos que servem para exprimi-los. Os fenótipos lingüísticos são formas exteriores de que se revestem os genótipos.

Daf o seu propósito de desatar a contradição interna que vicia o sistema de Chomsky:

A gramática transformacional é uma daquelas idéias poderosas que representam um papel decisivo no desenvolvimento da ciência. A sugestão e o desenvolvimento pormenorizado da gramática transformacional é a grande contribuição de Chomsky para a Lingüística. Deve-se todavia notar que, desde que, como já foi dito, a estrutura de uma série (string) devia ser considerada um fenótipo lingüístico, a seguinte dificuldade logo aparece no modelo transformacional: de um lado esse modelo foi construído como um modelo explanatório, i. é, destinado a investigar as relações profundas da linguagem, e, de outro lado, esse modelo opera com séries, o que leva a que fatos do nível de abstração do fenótipo sejam misturados com fatos do nível do genótipo. (1971: 143)

Essa distinção de Šaumjan parece-nos bastante pertinente. Por isso a adotamos e fazemos coincidir o nível de abstração do fenótipo com o nosso terceiro nível, o estritamente sintático.

Distinguimos entre **estruturacão** e **estrutura**. A estruturacão se faz nos níveis lógico e lógico-sintático. Temos aqui as relações internas de Šaumjan. O espaço mental, por assim dizer, é multidimensional. Mas, quando ele se realiza na frase oral, tem de obedecer à contingência do princípio da "linearidade do significante", ou antes, da "linearidade da forma fônica do significante". Então, para que as relações internas fiquem marcadas exteriormente, a língua se vale de recursos formais (e aqui "forma" obviamente não está tomada em sentido filosófico). São as relações externas que constituem propriamente a **estrutura** da língua.

O aspecto, fundamental, da elaboração interna dos procedimentos lingüísticos tem sido, em geral, descuidado pelos mestres da ciência da linguagem, talvez manietados pelos preconceitos positivistas ou ametafísicos dominantes na passada centúria. Chomsky pretendeu exorcizá-los e arvorou a bandeira do neomentalismo. Infelizmente não foi discípulo fiel de Humboldt e acabou por fazer da criatividade mera produtividade. Por isso devemos saudar com espírito de renovadora alegria a posição do Prof. Herculano de Carvalho, que, em sua *Teoria da Linguagem I*, acrescentou às mais difundidas **funções externas** da linguagem uma outra da maior importância, que chamou **função interna**. Para conhecermos melhor o seu pensamento, extrairemos do citado volume algumas linhas esclarecedoras:

Ao aprender palavras, expressões, formas gramaticais, a criança aprende a conhecer as realidades mesmas que essas palavras, expressões e formas gramaticais significam, e, nesta aprendizagem, o mundo desordenado e confuso das sensações, das percepções puramente sensíveis, adquire uma

ordem: é que as formas lingüísticas que aprende a identificar e a reproduzir, – as palavras e frases com as suas estruturas de relações, as categorias gramaticais –, não constituem, na sua totalidade, apenas um instrumento para a exteriorização, mas representam, antes disso, como que um esquema de compreensão da realidade, que permite apreendê-la, e aprendê-la ordenadamente, porque sujeitando-a a uma análise. (1967: 31-2)

E, na p. 34, reafirma esta sua posição:

Esta função interna, que consiste no conhecimento, deve considerar-se a função primária da linguagem, quer do ponto de vista do indivíduo falante, quer sob a perspectiva da própria comunidade.

Tal elaboração interna dos esquemas frasais se dá nos níveis lógico e lógico-sintático. E a sua projeção na forma fônica do significante ocorre através de recursos formais denominados "morfemas". O terceiro nível será, portanto, propriamente **morfossintático**.

7. Se fizermos abstração das qualidades prosódicas, poderemos distinguir os seguintes tipos de morfemas: de posição, segmentais (flexões, afixos), vocabulares.

Há morfemas que ocorrem em proporção inversa: assim os morfemas de posição e vocabulares variam na razão inversa dos morfemas flexionais. Esse fato levou até à distinção entre **línguas analíticas** (que desenvolveram morfemas vocabulares e de posição) e **línguas sintéticas** (ricas em flexão). Em latim, p. ex., língua sintética, a ordem das palavras é livre, mas não é indiferente, para falar com Marouzeau. Já as línguas românicas, porque perderam as flexões casuais e parte das verbais, tiveram de recorrer com maior freqüência aos morfemas vocabulares (preposições) e aos de posição. Contudo, como herança da sintaxe latina, subsistem em certos casos excessos de marcação morfemática, conhecidos por **redundâncias**. É o caso de frases portuguesas como esta: **Os meninos correm**. Para indicar a pluralidade do nome, por um princípio bastante conhecido, o da **economia**, seria suficiente marcá-la no determinante ou no determinado; em ptg. marcamo-la nos dois. Mais ainda: a pluralidade, uma terceira vez, reproduz-se no verbo. Confronte-se agora essa frase com a sua correspondente inglesa: **The boys run**. Marcou-se a pluralidade apenas uma vez no SN. É esse mesmo princípio da economia que explica a ocorrência na fala popular brasileira de frases como: **Os menino saiu**. Marca-se a pluralidade apenas uma vez; mas, ao contrário do inglês, é o artigo e não o nome que leva a marca. O que não impede que, em português, a frase correta seja **Os meninos saíam**. Daí que, numa gramática normativa (i.é, dotada do maior grau de gramaticalidade), a explicação (em sentido chomskyano) não se possa limitar a uma perspectiva sincrônica.

O terceiro nível é, pois, o da Morfossintaxe, porque é aqui que os procedimentos sintáticos se realizam através de morfemas. Acrescentemos que os morfemas de posição

geram a sintaxe de colocação; os de flexão, a de concordância, e os vocabulares, a de regência. Vejamos um exemplo em português, tomando como referência o procedimento para a marcação do sujeito: **Pedro beijou Maria** (s. de colocação), **A Maria beijou Pedro** (s. de regência)⁸, **As meninas Pedro beijou** (s. de concordância).

O que ficou dito pode ser resumido no esquema abaixo:

	Níveis	Relações	Funções
Sintaxe (lato sensu)	lógico	lógica	sujeito predicado
	lógico - - sintático	sintáticas (internas)	modificadores complementos
	sintático (stricto sensu)	sintagmáticas (externas)	morfossintáticas posição concordância regência

NOTAS

1. Até o séc. X. O séc. XI é de transição. A segunda Idade Média, ou simplesmente **Idade Média**, começa no séc. XII com a criação das Universidades.
2. Trata-se de Tomás de Erfurt, gramático modista do séc. XIV.
3. Em seu *El concepto de la oración en la Lingüística Española*, 1979, o Prof. Juan M. Lope Blanch estuda os diferentes sentidos que têm sido dados a termos como **oração, proposição, frase, sentença, cláusula**.
4. A Gramática Transformacional, nos primeiros momentos de sua prolongada gestação (Chomsky, *Syntactic Structures*, 1957; *A Transformational Approach to Syntax*, 1962), falava em **kernel sentences**, frase ou oração nuclear, "une phrase qui est engendrée en n'appliquant à une suite S-terminale que les transformations obligatoires". ERuwet assim caracteriza a **kernel sentence**: "En pratique, les phrases nucléaires, dans une langue comme le français ou l'anglais [e também "como o português", poderemos acrescentar], sont des phrases actives, déclaratives simples;

les phrases dérivées comprennent les phrases passives, les interrogatives, les phrases complexes, etc." (1968: 194)

5. O núcleo é a frase despida da forma de sua enunciação (afirmação, interrogação, volição).
6. V. Bursill-Hall, 1972: 105 e segs.
7. Termo inspirado em Tesnière, desnecessário dizê-lo.
8. Marcou-se "negativamente" o sujeito; é o termo que **não** está regido de preposição.

OBS: As traduções de texto estrangeiro são da responsabilidade do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AARSLEFF, Hans. *From Locke to Saussure*. Londres, Athlone, 1982.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Nova Iorque, Henry Holt and Company, 1933.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*. Lisboa, Edição da "Revista de Portugal", 1946.
- BORBA, Francisco da Silva. *Teoria Sintática*. São Paulo, EDUSP, 1979.
- BURSILL-Hall, G. L. *Grammatica Speculativa of Thomas of Erfurt*. Londres, Longman, 1972.
- BUYSSSENS, Eric. *Les langages et le discours*. Bruxelas, Office de Publicité, 1943.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 6ª ed. refundida e aumentada. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1974.
- CARVALHO, José G. Herculano de. *Teoria da Linguagem*, tomo I. Coimbra, Atlântida, 1967.
- CHEVALIER, Jean-Claude. *Histoire de la Syntaxe*. Genebra, Droz, 1968.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. Haia, Mouton, 1965 (a 1ª ed. é de 1957).
- COLLART, Jean. *Varron, grammairien latin*. Paris, Les Belles Lettres, 1954.
- COSERIU, Eugenio. *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.
- CROCE, Benedetto. *Estética como ciencia de la expresión y lingüística general*. 2ª ed. espanhola. Madrid, Francisco Beltrán, 1926.
- DELACROIX, Henri. *Le langage et la pensée*. Paris, Félix Alcan, 1930.
- DONZÉ, Roland. *La Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal*. 2ª ed. mise à jour. Berna, Editions Francke Berne, 1971.
- DUBOIS, Jean et DUBOIS-CHARLIER, Françoise. *Éléments de linguistique française: syntaxe*. Paris, Larousse, 1970.
- HOCKETT, Charles F. Two models of grammatical description. *Readings in linguistics I*. 4ª ed. Chicago and London, The University of Chicago Press, 1966, pp. 386-392. Republicação de art. de *Word* 10, 1954.
- HOLTZ, Louis. *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical*. Etude et édition critique. Paris, Editions du CNRS, 1981.
- LOPE-BLANCH, Juan M. *El concepto de la oración en la lingüística española*. México, Universidad Nacional Autónoma, 1979.
- MARTINET, André. *Éléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin, 1967.

- ROBINS, R. H. *Ancient & Mediaeval Grammatical Theory in Europe*. Londres, G. Bell & Sons, 1951.
- _____. *A Short History of Linguistics*. 2ª ed. Londres e Nova Iorque, Longman, 1979.
- RUWET, Nicolas. *Introduction à la grammaire générative*, 2ª ed. corrigida e aumentada. Paris, Plon, 1968.
- ŠAUMJAN, Sebastian K. La cybernétique et la langue. *Problèmes du langage*. Paris, Gallimard, 1966, pp. 137-152.
- _____. *Principles of Structural Linguistics*, Haia, Mouton, 1971 (trad. de orig. russo).
- TESNIÈRE, Lucien. *Eléments de syntaxe structurale*. 2ª ed. revista e corrigida. Paris, Klincksieck, 1966.
- WELLS, Rulon S. Immediate constituents. *Readings in linguistics I*. 4ª ed. Chicago and London. The University of Chicago Press, 1966, pp. 186-207. Republicação de artigo de *Language* 23.81-117, 1947.
